

## IDENTIDADE E MEMÓRIAS ATRAVÉS DO ESPELHO E DAS PEDRAS: O QUE PODEMOS APRENDER COM ALICE E CORA CORALINA?

Marisela Pi Rocha<sup>1</sup>

*Resumo:* Trata-se de uma reflexão sobre memórias e identidades, a partir do poema de Cora Coralina, *Aninha e Suas Pedras*, e dos livros de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas* e *Alice Através do Espelho*, trazendo para cena um processo memorialístico e identitário da pesquisadora. Nesse sentido, buscamos refletir sobre os conceitos de memória e identidade articulando-os com o conceito de aprendizagem inventiva. Nessa esfera, interessa-nos uma aprendizagem e feitura de si, pautada em questionamentos, em um não conformismo diante das regras e normatividades, capazes de engessar o fluxo de aprendizado e de apreensão do mundo. A reflexão a partir da pergunta “Quem eu sou”? articulada com a memória autobiográfica é fundamental para percebermos esse processo de construção, considerando as pedras no caminho, bem como a tessitura da relação especular. A opção por trazer a minha trajetória pessoal e profissional se faz pertinente neste trabalho, pois adotei uma metodologia que não nos permite a imparcialidade, e nos impulsiona a uma autorreflexão constante. Assim, com essa metodologia cartográfica, sou levada a me misturar com a pesquisa e, com os dois textos citados, considerando minha narrativa de vida, tecer considerações importantes sobre saberes, identidades, memórias e perspectivas, destacando seu grau de inventividade/criticidade e aprendizagem, resultando em implicações não somente sobre si/mim, mas também sobre o outro, sobre o mundo. Para essa reflexão, além da leitura dos textos referidos e de cenas de minha vida,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia, Campus II/ Alagoinhas, Professora da Universidade do Estado da Bahia, Campus XII/ Guanambi. Orientadora: Jailma Pedreira. Endereço eletrônico: [mariselaroc@gmail.com](mailto:mariselaroc@gmail.com).

contarei com o auxílio teórico de autoras e autores que discutem categorias como identidade e memória, mas também, articuladas a estas, noções de aprendizagens, saberes, autobiografia entre outras. Dentro desse campo citamos Brandão (2008) (2021), Bossi (1994), Josso (2007), Foucault (1992), Hall (2015), Larrosa (2002), Moreira (2016), Pereira e Silva (2020), Pollak (1989), Ricoeur (2009) entre tantos outros. Assim, espero expandir a discussão sobre identidade e memórias.

*Palavras-chave:* Identidades. Memórias. (Auto)biografia. Aprendizagem inventiva.

Quem é você?, **disse a Lagarta.**

Eu, eu mal sei, senhor, no momento, ao menos eu sei quem eu era quando eu levantei esta manhã, mas eu acho que devo ter sido mudada várias vezes desde então. **Respondeu Alice.**

(Alice no País das Maravilhas)

## INTRODUÇÃO

Introduzo a reflexão destacando o que moveu esta pesquisadora a realizar um estudo autobiográfico em torno do tema “Quem eu sou”? Quais inquietações e perguntas provocaram pensamentos em volta dessa temática? E penso que a narração das histórias de vida e a partir delas, torna-se indispensável para a formação de uma existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto (JOSSO, 2007).

Trazendo para cena um processo memorialístico e identitário da pesquisadora, ao produzir informações e documentos, pode revelar uma percepção consciente dos anseios e dos desejos de refletir e perpetuar traços de memória e identidade que são representativos de seu povo e de seu lugar de

fala. Tais documentos podem ser considerados dispositivos de memória, quando os sujeitos se reconhecem neles, ou seja, são representativos e carregam um valor simbólico, que estará alinhado à identidade de seus produtores.

E por que falar em aprendizagem inventiva nesse momento? Kastrup (2000), diz que não inclui apenas invenção de problemas, mas revela-se também como invenção de mundo, compreendendo a aprendizagem como potência de invenção e de novidade. Problematizar as noções de aprendizagem, inventividade e experiência, imbricadas na noção de aprendizagem inventiva na formação do indivíduo, significa compor outro território existencial dentro do sistema. A possibilidade é ir além e para além da apresentação de apontamentos de falhas, fragilidades e incompletudes acerca da noção de aprendizagem que se tem no campo da formação do indivíduo. Isso traz a possibilidade de pensar o aprender como enfretamento e resistência a modos canônicos de aprendizagem. Como se deu o processo de aprendizagem desta pesquisadora é o objetivo principal.

Com isso, a reflexão a partir da pergunta “Quem eu sou?” articulada com a memória autobiográfica se tornou fundamental para perceber esse processo de construção, considerando as pedras no caminho, bem como a tessitura da relação especular e o olhar a todo momento no espelho da vida.

A opção por trazer a minha trajetória pessoal e profissional se faz pertinente neste trabalho, pois adotei uma metodologia que não nos permite a imparcialidade, e nos impulsiona a uma autorreflexão constante.

Assim, com essa metodologia cartográfica, sou levada a me misturar com a pesquisa e, com os textos citados, considerando minha narrativa de vida, tecer considerações importantes sobre saberes, identidades, memórias e perspectivas, destacando seu

grau de inventividade/criticidade e aprendizagem, resultando em implicações não somente sobre si/mim, mas também sobre o outro, sobre o mundo. Para essa reflexão, além da leitura dos textos referidos e de cenas de minha vida, contarei com o auxílio teórico de autoras e autores que discutem categorias como identidade e memória, mas também, articuladas a estas, noções de aprendizagens, saberes, autobiografia entre outras.

Segundo Passeggi (2010), as narrativas autobiográficas, enquanto amplo discurso de formação existencial, constituem um elo de ligação para mim, uma vez que o assunto emerge como uma das questões educativas sobre a qual me debruço em minhas atividades de pesquisa e formação

Convém lembrar que o retorno sobre si também conduz a pessoa a se ver como os outros a veem o que implica em contradições, crises, rejeições, desejos de reconhecimento, dilemas (PASSEGGI, 2010).

A partir de algumas concepções, suscitam alguns questionamentos para refletir. Quem é essa mulher, mãe, professora, pesquisadora e agricultora que chega no ano de 2010, na comunidade dos Brejos dos Aguiar/Ibicoara na Chapada Diamantina?

## **COM QUANTAS MEMÓRIAS SE FAZ UMA MULHER/MÃE/PROFESSORA /PESQUISADORA/AGRICULTORA?**

Início a minha narrativa a partir da reflexão e problematização através da escrita de Rachel de Queiroz, quando Moreira (2010) traz sobre a noção de tempo e de sujeito que nos possibilita repensar a nossa possível relação estética e ética com os saberes. E vejo que as narrativas autobiográficas, enquanto amplo

discurso de formação existencial, constituem um elo de ligação para mim, uma vez que o assunto emerge como uma das questões educativas sobre a qual me debruço em minhas atividades de pesquisa e formação (PASSEGGI, 2010).

A tarefa, então, que ora se coloca, apresenta-se junto ao desafio de refletir e/ou reconstruir o percurso trilhado para a construção da minha identidade. Pergunto-me, então: “quais andarilhagens já realizadas por mim servem de alicerce à formação da minha identidade e das minhas memórias”? E no sentido freireano, como as tenho significado na labuta diária pela tão almejada condição humana e humanizadora - minha e dos outros sujeitos que partilham da minha existência?

Para a construção da minha história de vida, levo em consideração, questões cognitivas, emocionais, sociais, morais e éticas, por se tratar de relações subjetivas particular de cada um. E a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (HALBWACHS apud POLLAK, 1992). Vamos às memórias!

## **PERCURSOS DAS MINHAS MEMÓRIAS - QUEM EU SOU?**

Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida,  
removendo pedras e plantando flores.  
Cora Coralina

A formação das memórias é um processo complexo, resultado de interações bioquímicas que envolvem diferentes áreas do cérebro, e que um acontecimento, ou conhecimento, só é mantido e possível de ser lembrado, se for modulado pela emoção.

Cada memória é única e constitui nossa identidade, ou seja, “nada somos além daquilo que recordamos” (IZQUIERDO, 2004).

## **FILHA/MULHER**

Em 1964, o mundo vivia os impactos da Guerra Fria; a sociedade norte-americana vivenciava intensos conflitos raciais e, no Brasil, era instaurada a ditadura. Foram muitos os exílios frente aos motes do Governo “ame-o ou deixe-o” ou ainda “Ninguém segura esse país”. No movimento da contracultura, foi a década em que se inaugurou o Festival Woodstock e a onda Hippie; no Brasil, a Jovem-Guarda e o Tropicalismo ganharam visibilidade. Também foi a época em que o homem pisou pela 1ª vez na lua; foi lançado o Jornal “O Pasquim”; Pelé fez o seu milésimo gol.

E, em meio a toda essa trama, mais uma vida se inaugurou. Nasci na cidade Sarandi del Yi, Durazno, na República Oriental del Uruguay. Filha de Luis Alberto e Maria Isolina, e uma irmã, Laura, cinco anos mais nova, reinício a História, dando prosseguimento a uma linhagem. Conheci meus avós paternos e maternos, espanhóis, holandeses, gregos e uruguaios descendentes de índios Charrúas. Quanto a eles, foi-me possibilitada a convivência até o período da juventude e, destes contatos, guardo aprendizados realizados quanto ao cuidado e respeito com o outro independente da sua etnia. Na Grécia Antiga, Platão deu voz a Sócrates em “A República” para dizer: “aprecio conversar com os velhos. Penso que devemos aprender com eles, pois já percorreram antes de nós um caminho que também iremos trilhar”.

Outras memórias significativas que guardo da minha mais tenra idade são memórias de aprendizagens, e aprendizagens realizadas junto a sujeitos adultos, no caso, meus pais. Lembro-me

de que nas idas e vindas, de cidade em cidade pois precisávamos mudar por causa do trabalho do meu pai. Este, como bom articulador que é, e contra toda forma de ditadura, ensinou-me a ser verdadeira no respeito devido a eles e a todas as outras pessoas.

A relação com a minha mãe consiste em um outro grande capítulo na minha história de aprendiz. Com ela aprendi os saberes básicos para ler e escrever o mundo que nos circundava. Na verdade, minha mãe é a mais importante entre todos os sujeitos que contribuíram pelo meu gosto pela instituição escolar. Professora primária (as mulheres da família, em sua grande maioria, eram e continuam a ser professoras) e amante da leitura e escrita, não esperou o tempo de minha matrícula na escola pública para ensinar-me os primeiros saberes da escrita; assim é que, aos sete anos de idade, quando ingresso no Ensino Fundamental, na cidade de Libertad, no Uruguai, já estava alfabetizada. Como Freire (1989) afirma que “leitura do mundo precede a leitura da palavra” (p.9), posso dizer que me alfabetizei a partir das palavras-mundo; palavras que faziam parte do universo de significação; eram palavras vivas e enquanto vivas se encarnavam primeiro em mim e depois no papel, de forma escrita.

## **MÃE/MULHER**

Em 1983, aos 18 anos, fui mãe de Diego. Em 1987 nasceu a Stéphanie e em 1990, nasceu a Karla. Mãe pela terceira vez, reencontrei-me com questões pertinentes ao ensinar e ao aprender que, certamente, ainda não tinha competência para compreender, nem sequer intervir, de forma satisfatória e, no embate do trabalho, com filhos já na escola o que fez surgir em mim o desejo de saber mais acerca do processo de ensino e aprendizagem.

## **PROFESSORA/PESQUISADORA/MULHER**

Em 1991, fiz o vestibular para a Licenciatura de Pedagogia, na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, cidade de Guanambi – BA, e fui aprovada. As aprendizagens, no espaço-tempo da minha graduação, foram muitas e de extremo significado para mim. De início tudo foi novo: a estrutura física, a fala dos professores, o dividir espaço e conhecimento com diferentes pessoas e outros vários desafios que, ao seu tempo, foram dando lugar a algumas descobertas e saberes. O Curso de Pedagogia trouxe inúmeras contribuições para minha vida, para análise da trajetória, com um olhar crítico e reflexivo, a partir das teorias estudadas, das pesquisas realizadas e da minha prática em sala de aula. Relembrar o passado é bastante interessante, pois me faz refletir sobre o presente e a minha prática atual.

Em 1998, busquei dar continuidade à minha formação acadêmica a partir das questões que surgiram da prática; compreender melhor os motivos e formas de solucionar as dificuldades de aprendizagem dos educandos, vou cursar a Pós-Graduação em Psicologia Educacional, na PUC/Minas.

Chego ao final do 1º semestre letivo de 2004, matriculada como aluna especial no curso de Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências, na Universidade Federal da Bahia e, ao contrário do que aconteceu quando concluí a graduação, agora tinha um objeto de investigação bem vivo e presente em minha história de educadora, trabalhadora adulta, que faz parte da realidade que desejava investigar. Saio de Guanambi para Salvador para tentar me efetivar como aluna do mestrado. Precisei abdicar de muitas coisas para alcançar meus sonhos.

Em 2006, no meio de muitas idas e vindas entre as duas seleções para aluna efetiva do mestrado, fui aprovada, tendo como

orientador o Prof. José Luis Silva, docente do Instituto de Química e como coorientadora a Profa. América César, do Instituto de Letras, ambos da UFBA.

O mestrado, neste momento, teve para mim várias representações: espaço de maiores buscas e construções pessoais e profissionais; espaço de elaboração da dor e início de uma vida somente dedicada ao trabalho e estudo – o que me levou a construir o primeiro ensaio de atualização da minha existência; espaço de síntese dos saberes até então produzidos; espaço de novas vivências, construções e reconstruções; espaço de vida, que recupera o até então já vivido e remete a um futuro ampliado. Alguns percalços aconteceram entre o início e o fim do curso. Venci diversos desafios, tive problemas pessoais, fui acometida por CA duas vezes, mas no dia 18 de dezembro de 2009, defendi e obtive o título de mestre.

Faz-se preciso registrar que em 2013, passo a fazer parte do GEHFTIM – Grupo de Estudos Hermenêuticos sobre Famílias, Territórios, Identidades e Memórias/UESB, tornando-me estudiosa em temas ligados à identidade, à família e memórias de grupos com foco na hermenêutica francesa de Paul Ricoeur que me possibilitou a participação em congressos no Brasil, Argentina, Espanha e Portugal, inclusive abrindo portas para a coordenação de GTS na Universidade de Santiago/Chile e no CEISAL, onde apresentei em 2013, no 7º CEISAL, em Porto / Portugal, um trabalho intitulado “Supuestos Freireanos em Prácticas Pedagógicas de Docentes de La Educación de Jovenes y Adultos”. Em 2016, no 8º CEISAL na Universidad de Salamanca / Espanha, atuei como coordenadora do Simpósio Família, Gênero e Concretização dos Direitos Humanos na América Latina. E em 2019, no 9º CEISAL participei novamente como coordenadora do simpósio “El empoderamiento de la mujer en el siglo XXI: lo que las Marias andan haciendo?”

Em 2014, a partir das interações com outros professores, sobre a situação de alguns discentes portadores de anemia falciforme, passei a participar das discussões desenvolvidas sobre o tema e desenvolvemos uma pesquisa com crianças portadoras da Anemia Falciforme e suas mães, em três escolas do município de Cruz das Almas-BA. E como resultado dessa pesquisa, tivemos um artigo aprovado, “Mestiçagem no recôncavo na Bahia/Brasil: os impactos da anemia falciforme na educação de mulheres e crianças” e apresentado no Congresso Internacional Familias y Redes Sociales: etnicidad y movilidad en el mundo atlântico, na Universidad de Sevilla – Espanha.

No mesmo ano, apresentei um trabalho como autora, “Los derechos y conquistas de las Mujeres Negras invisibles en la comunidade de Duas Barras do Fojo/Mutuipe/Bahia/Brasil: aportes para la construcción del conocimiento”, e como co-autora do trabalho “Lugares situados y contextos de producción de narrativas en un servicio público de atención a víctimas de la violència contra las mujeres en la Bahia / Brasil”, no 3º Congreso Género y Sociedad: voces, cuerpos y derechos en disputa, em Córdoba / Argentina.

Em 2015, tive um trabalho aprovado e apresentado no início de outubro intitulado “Mulheres negras no nordeste do Brasil: entre a feminilidade e os desafios da pobreza e invisibilidade social”, na Universidad de Santiago de Chile, no IV Congreso Ciencias, Tecnologías y Culturas. Diálogo entre las disciplinas del conocimiento. Mirando al futuro de América Latina y el Caribe. E no final de novembro do mesmo ano, estive como comentadora do “GT Percepções sobre movimentos sociais de jovens em grupos religiosos”, no 2º Simpósio Sudeste da ABHR, cujo tema é Género e religião: Violência, fundamentalismos e política, a ser realizado na PUC/SP.

Vinculo-me e assim de forma mais sistemática com a educação internacional, buscando saberes necessários à minha formação docente. Uma busca que será eterna, pois, a educação, parafraseando Guimarães Rosa: “na vida, o que aprendemos mesmo é sempre fazer maiores perguntas”.

Em 2017 participei do II Congreso Internacional Comunicaci3n y Pensamiento. Concepci3es de Ensino e Aprendizagem atraves das Tecnologias Digitais na Sociedade Contemporânea e do III Congreso Internacional Nuevos Horizontes de Iberoamérica. Genero, Dessarollo y Diversidad Cultural em Sevilha/Espanha.

Em 2018 participei da organizaç3o do III Encontro de Pesquisadores (as) em Culturas e Religi3es do Alto Sert3o da Bahia; VI Congreso Internacional do Núcleo de Estudos das Américas; XVIII Semana Acadêmica de Ensino, Pesquisa e Extens3o: o cenário atual da Universidade Pública – Luta e Resistência.

Em 2020 participei do II Colóquio Internacional Da Diversidade Sexual e de Gênero; XIV Colóquio Internacional "Educaç3o E Contemporaneidade" e da XIX Semana Acadêmica de Ensino, Pesquisa e Extens3o: políticas públicas e os desafios da Universidade em tempos de pandemia.

Em 2021, em consequência da pandemia, muitos eventos aconteceram de maneira on line, o que me deu a possibilidade de participar. Entre eles: Colóquio de Seminário de Pesquisa 'Métodos e Técnicas de Pesquisa Qualitativa'; Dialogando Com Zulma Palermo: Pedagogias Decoloniais/Insurgentes como maneiras de convocar formas de fazer pensar o futuro do "Sul" desprendidas do Patrimônio da Modernidade; I Colóquio Internacional do Diretório/Grupo de Pesquisa "Educaç3o, História, Memória e Culturas em diferentes espaços sociais; II Congreso Internacional Brasil In Teias Culturais: Epistemologias Subalternizadas; IX

Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professora; Simpósio sobre Dislexia, TDHA e Neurociências: Famílias, Escola e Terapia Unidas para a Integralidade e do VI Congresso Brasileiro de Educação Sexual? O contexto nacional e o futuro da educação sexual: desafios e propostas.

Em 2021, participo da seleção para o doutorado Pós Crítica, em que obtive êxito e fui selecionada. E em 2022, saio da minha zona de conforto e volto a viajar para correr atrás de mais um sonho, ser aluna de um programa de doutorado. Entrei com um projeto, que vai se delineando e tomando forma a partir das diversas leituras que vão sendo sugeridas pelos professores/as.

Nesse ínterim, conheço aquela que será minha companhia nesse percurso da pesquisa para minha tese, a Profa. Dra. Jailma Pedrosa Moreira. O sonho de toda/o orientanda/o, uma pessoa amável, gentil, amorosa, humana, mas firme nas suas colocações e que tem me apresentado o mundo da poesia. A partir dos nossos encontros conheci os poemas de Cora Coralina e Rachel de Queiroz. Conheci a Maria Bonita.

No ano de 2022 participei do XVIII ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura; XVIII Encontro ABRALIC: Mundos compartilhados e do Interlinhas I e II - Seminário de Pesquisa do Dllartes.

## **AGRICULTORA/MULHER**

Venho de uma família que sempre esteve envolvida com a agricultura familiar. E por isso, em 2010, quando chego nos Brejos dos Aguiar, na cidade de Ibicoara – Chapada Diamantina - BA, procuro conhecer as pessoas da comunidade. Fui apresentada a elas e fui conduzida à casa velha dos Aguiar. A partir daquele momento, depois de me sentar ao lado do fogão de lenha e

saborear um café, fiquei realmente instigada a aprender sobre o processo de produção de um café artesanal. O café para aquelas pessoas, não era apenas uma planta, nem só um fruto. Havia algo a mais naquela relação.

Ao longo do dia de todas as informações que recebi, percebi que havia um saber fundamental naquela relação: o cuidado. Um cuidado que não dizia apenas da possibilidade de se ter uma colheita mais ou menos produtiva. Aquelas pessoas que estavam ali, vinham de famílias que durante gerações cuidavam do café e tiravam dele o seu sustento. Alguns mais velhos, outros mais jovens. Trabalhadores que representavam, de alguma maneira, a possibilidade de perpetuar o legado de sua família. Entendi ali que o trabalho com o café não se tratava apenas da planta. Esse trabalho remetia saberes de vida, principalmente, para suas famílias e para as relações estruturadas a partir dela. A maneira como as pessoas se vinculam umas às outras me cativou, pela maneira singular que cada um tem de se enlaçar. Esse saber me levou a querer pesquisar, querer conhecer algo que é único, singular.

Eu chego nessa região para querer aprender cada vez mais como mulher agricultora, mesmo que muitas dificuldades surgiram. E como diz Cora Coralina (1997), *Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou. Ensinou a amar a vida e não desistir da luta, recomeçar na derrota, renunciar a palavras e pensamentos negativos. Acreditar nos valores humanos e ser otimista.*

E ainda percebi que as pedras citadas pela autora no poema Aninha e suas pedras (CORALINA, 1997), representam os obstáculos e a força das lutas travadas no cotidiano feminino. Dessa forma, ao ler fui convidada a refletir sobre os caminhos que muitas de nós mulheres trilhamos para recriar nossas vidas e assim, mudar nossos caminhos e destinos. O poema aponta três alternativas para a recriação da vida: remover pedras, plantar

roseiras e fazer doces. “Remover as pedras” pode-se interpretar como, “a coragem” para enfrentar as contrariedades. Além disso, o poema ressalta a necessidade de cada um de nós nos colocarmos como responsável pela ação de remover suas pedras. Mas, essa mesma pedra, é representada como alicerce, revelando aquelas mulheres que foram capazes de transformar suas histórias se projetando para lugares que antes não podiam alcançar.

E é isto que esta mulher/mãe/professora/pesquisadora e agricultora tem feito ao remover pedras do seu caminho, com firmeza, mas plantando roseiras e fazendo doces como diz a poetiza, por um caminho de beleza e prazer, com muitas cores, cheiros e sabores. Dessa forma, com a beleza das rosas e o prazer dos doces, a vida pode ser recriada com uma nova perspectiva. A dureza da pedra dá lugar à delicadeza das rosas. Os doces tiram o azedo e o amargo que muitas vezes marcam a nossa vida. Cada vez que luto contra minhas angústias, e as desigualdades, por menor que seja o gesto, deixo uma parte desse sonho já construído, possibilitando a realização concreta e futura dele. Cora Coralina, além de toda a doçura em seu poema, nos deixa claro a importância do amadurecer para ser possível se reinventar e tornar tudo mais leve e bonito.

Como também traz os livros Alice no País das Maravilhas e Alice Através do espelho, de Lewis Carroll, dentre tantos outros aspectos relevantes, o que mais me chamou a atenção é o foco na mulher como personagem principal, um empoderamento necessário. Alice, indo totalmente contra as regras da sociedade. Alice ainda é para mim, a melhor lição de ética, de irreverência e de inconformismo, tanto para crianças quanto para adultos. E, assim como a menina que precisa se transformar e questionar tudo o que aprendeu até ali, alguns dos seus valores se mantêm, lutamos para sermos escutadas e nos revoltamos com as injustiças que vemos.

## CONCLUINDO SEM FINALIZAR

A poesia de Cora Coralina, aparentemente simples, revelou-nos uma produção importante por apresentar as contradições sociais e culturais vividas pela mulher no século XX. A poetisa recolhe a imagem da pedra, onde ora é apresentada como obstáculo, representando os múltiplos desafios encontrados pela mulher para chegar aonde almejava. Ora essa mesma pedra é representada como alicerce, revelando para nós mulheres que fomos capazes de transformar nossas histórias.

Assim como Alice, que vai totalmente contra as regras da sociedade vigente na época em que viveu, ajudando o público jovem e o adulto a compreender que a mulher tem tanto direito de fazer o que quiser quanto o homem. Isso é algo que nem deveria ter que ser explicado, mas se torna necessário, infelizmente, mesmo nos dias de hoje. Esta foi uma história que me levou em busca de mim mesma, conduzindo-me a um desenlace maravilhoso e inesperado, como só os grandes contos de fadas são capazes de fazer. Uma história que se abriu para o futuro — sem respostas, mas com inúmeras e fascinantes perguntas.

Assim, acredito que uma das maiores preocupações na minha formação foi a auto(trans)formação para ter uma maior autonomia, partindo do potencial de reflexão sobre as experiências vividas. Nesse sentido, um dos grandes desafios que enfrentei, nas minhas investigações, foi problematizar o peso das narrativas, elaboradas para atender a uma demanda institucional de formação. E como traz Passeggi (2010), o ato de narrar é humano e segundo a autora, autobiografar é um processo civilizatório.

Em alguns momentos foi difícil escrever, pois tive que relatar os meus conflitos e minhas frustrações, algo que prefiro deixar para trás e seguir em frente de cabeça erguida. Mas sei que às vezes é preciso enfrentá-los e descobrir o quanto sou mais forte hoje.

Por fim, busquei compreender como foi delineando a minha vida: aprendendo, desconstruindo e reconstruindo saberes que passam a ancorar futuras vivências e construções teóricas (BHABHA, 2013). Saberes experienciais adquiridos no fazer cotidiano que, como ser da práxis, tornei-me sujeita de práticas rotineiras de resistência, construtora dos meus projetos de vida e tecedora das representações sobre o mundo em que vivo (BONDÍA, 2002).

## REFERÊNCIAS

- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. 143
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência in: Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.
- CORALINA, C. *Aninha e suas Pedras*. São Paulo: Global, 2003.
- FREIRE, P. *A importância do Ato de Ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.
- IZQUIERDO, I. *A Arte de Esquecer*: Cérebro e Memória. 2ª ed. Editora Vieira e Lent, 2004.
- JOSSO, M.-C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*, 30(3). (2008). Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2741>. Acesso em: 27.10.2022.
- KASTRUP, V. Aprendizagem, arte e invenção. In: *Psicologia em Estudo: Educação & Sociedade*. vol. 6, n. 1, p. 17-27, jan. /jun. 2000.
- MOREIRA, J. dos S. P. Narrativas de Rachel de Queiroz: modos de (re)contar, modos de (re)inventar-se. *Revista Diadorim*.
- PASSEGGI, M. C. Narrar é humano: autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria Conceição; SILVA, Vivian Batista da. *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 103-130.

PASSEGGI, M.C. Memorial de formação. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. *DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992

